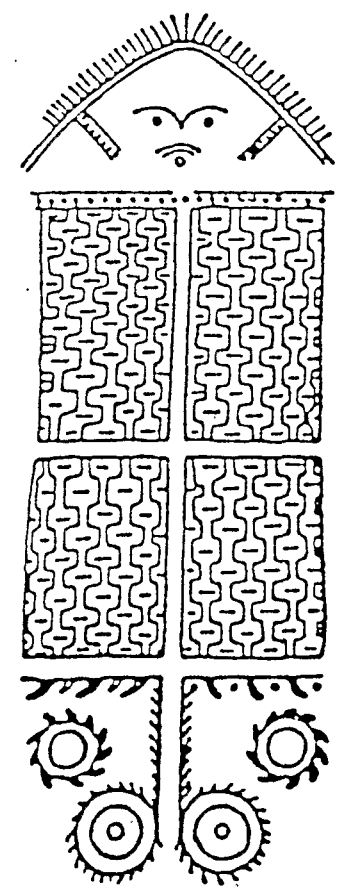


Buchillet

# chantiers amerindia



proposta

para uma

grafia Tukano

normalizada

Elsa GOMEZ-IMBERT

Dominique BUCHILLET

A.E.A  
1986

Fonds Documentaire ORSTOM

Cote: B\*10770 Ex: 1

Fonds Documentaire ORSTOM



010010770

La revista AMERINDIA tiene como objetivo contribuir al desarrollo de los estudios amerindios, con la publicación de artículos de lingüística sobre las lenguas indígenas de América, lo mismo que documentos y textos en estas lenguas, analizados desde un punto de vista lingüístico y etnográfico.

AMERINDIA es editada por la Asociación de Etnolingüística Amerindia (A.E.A.). Su dirección científica está a cargo de los miembros del equipo de investigación asociado UA 1026 de la Universidad de Paris-Sorbonne y del Centro Nacional de Investigación Científica (C.N.R.S.), equipo dirigido por el profesor Bernard Pottier.

Comité de redacción: Ruben BAREIRO SAGUIER, Marina BESADA, André CAUTY, Elsa GOMEZ, Michel LAUNEY, Francisco QUEIXALOS, Odile RENAUULT LESCURE, Duna TROIANI, Jacqueline WELLER.

Director de publicación: Francisco QUEIXALOS.

Dirección: AMERINDIA  
A.E.A.  
B.P. 431  
75233 PARIS Cedex 05  
FRANCIA

Corresponsal en Norteamérica:  
AMERINDIA  
c/o Guy BUCHHOLTZER  
Department of Anthropology & Sociology  
The University of British Columbia  
6303 N.W. Marine Drive  
VANCOUVER, B.C., CANADA V6T 1W5

c A.E.A. Paris 4e trimestre 1986.

NOTA PRELIMINAR

A idéia de elaborar uma proposta unificada de alfabeto para as línguas Tukano orientais nasceu de diversas considerações que indicavam a necessidade urgente de um documento de referência para abrir um debate frutuoso sobre este tema, apresentando algumas bases objetivas que devem ser levadas em conta ao fixar uma norma de escrita para estas línguas.

Por se encontrarem na situação privilegiada de trabalhar com grupos Tukano, morando em ambos os lados da fronteira colombiano-brasileira, as autoras consideram oportuno chamar a atenção das autoridades governamentais e religiosas, responsáveis pela alfabetização em ambos os países, a respeito da uniformização ortográfica das línguas Tukano, embora isso não satisfaça sempre as normas das respectivas línguas nacionais, inconciliáveis em certos pontos (\*).

Estando em condições de apreciar a importância da diversidade lingüística, como marcadora da identidade de cada grupo exogâmico, sublinhamos a tendência atual de impor a língua tukano como única língua vernacular de alfabetização, em detrimento da quinzena de línguas restantes; a sua generalização vai contra as normas de fidelidade lingüística dos

valantes e ameaça o sistema de organização social.

A elaboração desta proposta coincidiu com a organização, pelo Comitê Nacional de Linguística Aborígena da Colômbia, do "primeiro seminário para a elaboração dos alfabetos de línguas indígenas", na sede de Yerbabuena do Instituto Caro e Cuervo nos dias 26 e 27 de junho de 1986; aproveitamos este passo tão importante para o estabelecimento das normas gerais, para apresentá-la aos representantes das entidades locais, missionários e indígenas presentes. Esta proposta responde a pedidos formulados, do lado brasileiro, tanto pelos indígenas (do grupo desana), como pelos missionários salesianos. Defendêmo-la com o desejo de suscitar encontros a nível regional, sob o auspício das entidades de ambos os países que têm a capacidade de decisão neste assunto, e com a participação das comunidades indígenas interessadas que reivindicam o direito à escrita das suas línguas. A este respeito, parece-nos significativa a tentativa feita pela organização indígena ORIT de estabelecer uma norma ortográfica do tuyuka (ver II), porque reflete o desejo legítimo de diferenciação lingüística de grupos pequenos, os quais correm o risco de aculturação, já assinalado.

Na redigir este documento baseamo-nos no plano formulado

por F. Queixalos numa publicação Ameríndia \*\* sobre a língua Sikuani do leste colombiano, da qual tiramos algumas idéias. Agradecemos a Eliane Camargo por ter oferecido os dados sobre a fonologia do português brasileiro e a Luiz C. Borges por ter revisado a versão portuguesa desta proposta.



(\*) D. Buchillet trabalha com comunidades desana do Brasil; E. Gómez-Imbert com os grupos tatuyo e barasana do Pira-paraná, Colômbia.

(\*\*) QUEIXALOS F. (1982) : Grafia sikuani normalizada: propuestas. Chantiers Ameríndia, suplemento 2 do n°7 de Ameríndia, A.E.A., Paris.



funciona, porém, como registro de identidade de cada grupo (com algumas poucas exceções a esta regra geral); assim, os indivíduos que falam a mesma língua dizem-se irmãos. De modo corrente, é reconhecido como parente aquele " que fala da mesma maneira", ao passo que outros grupos distinguem-se pelo fato de falarem outras línguas. A língua proporciona a base da identidade, e as diferenças lingüísticas estabelecem as possibilidades matrimoniais : pode-se casar unicamente com alguém que "fale diferente"; ou seja, marido e mulher não tem a mesma língua paterna. A criança é educada para falar somente a língua paterna, emblema de sua identidade, embora ela aprenda naturalmente a materna. Isto demonstra a importância da diversidade lingüística - e de sua conservação - entre os grupos indígenas do Uaupés.

O processo de colonização, iniciado há mais de dois séculos, deteriorou em graus diversos esta organização tradicional, introduzindo importantes mudanças econômicas, políticas e sociais. A alfabetização, que mais cedo ou mais tarde acompanha esse processo, ameaça a sobrevivência das línguas e culturas, por tender à integração pura e simples dos indivíduos na sociedade nacional. Isso não implica que a alfabetização em si deva ser rejeitada porque, como os indígenas já o entenderam, o domínio da língua do coloni-

zador é uma arma de defesa de seus próprios interesses. O que está atualmente sendo questionado é a maneira pela qual ela vem sendo efetuada, contribuindo para a perda das línguas vernaculares mediante :

- \* a utilização predominante e quase exclusiva da língua nacional (português ou espanhol), apresentada como língua de "civilizados", i.é., prestigiosa;
- \* a utilização das línguas vernaculares como simples trampolins para a aquisição da língua nacional, quando estas conseguem transpor a soleira da escola: não há nenhum respeito por suas características gramaticais ou pela realidade cultural que refletem;
- \* o prestígio que confere o domínio da língua colonizadora modifica fundamentalmente as relações entre gerações, ao introduzir elementos de poder alheios à tradição pondo em perigo sua transmissão.

No caso da alfabetização do Uaupés, deparamo-nos em presença de numerosas línguas vernaculares. Na vida cotidiana, os indígenas sublinham as diferenças entre elas como símbolos de seus respectivos grupos. Isto não significa que elas sejam tão distintas entre si e que se torne necessário estabelecer uma ortografia para cada uma. Em primeiro lugar, todas pertencem à mesma família; em segundo, como mostra-

remos mais adiante, a maioria dos sons -- consoantes e vogais -- são comuns a todas elas e, por isto, devem ser representados da mesma maneira. Parece-nos necessário uniformizar um sistema ortográfico, válido para todas as línguas e de ambos os lados da fronteira: eis o objetivo da nossa proposta. Estas sugestões para uma uniformização, fundamentadas em argumentos linguísticos, não devem ser interpretadas como uma tentativa de negação das diferenças ou como um intuito de eliminar a diversidade. É importante manter a riqueza linguística por ser ela o veículo da identidade de cada indivíduo dentro do conjunto Tukano: o desaparecimento das línguas equivale à perda da consciência cultural.

A presente proposta obedece a diversas considerações:

- \* necessidade expressa pelos próprios indígenas de escrever, em sua língua, sua própria mitologia porque entendem que a escrita é, finalmente, um meio de preservação e de revalorização da cultura;
- \* necessidade sentida pelos governos atuais de integrar no ensino escolar elementos da cultura indígena, num programa de resgate do patrimônio cultural (ver, por exemplo, a legislação sobre a educação bilingüe);
- \* frente à multiplicidade de ortografias que surgem de ambos os lados da fronteira, requer-se urgentemente uma

unificação que permita a sua escrita, tanto por parte dos indígenas como dos brancos, no Brasil e na Colômbia, mantendo o respeito à especificidade das línguas vernaculares.

Evocam-se, com frequência, imperativos práticos para justificar a adoção, na escrita das línguas indígenas, de regras ortográficas próprias à língua nacional e totalmente alheias à estrutura daquelas. Isto significa, no caso presente, que as línguas Tukano deveriam seguir duas regras distintas, se bem que para os indígenas não existe nenhuma fronteira, logo nada justifica a adoção de duas normas ortográficas: uma segundo a portuguesa, outra segundo a espanhola; razão pela qual, aliás, este texto é publicado simultaneamente em português e em espanhol.

## II. DIAGNOSTICO DAS NORMAS EXISTENTES

Para mostrar as diferentes tendências a respeito das grafias Tukano, apresentamos e examinamos a seguir seis normas distintas, quatro do lado colombiano, duas do lado brasileiro. O exemplo colombiano compreende:

1) a mostra elaborada na Escola Normal Indígena Nacional da Prefeitura Apostólica de Mitu (que abreviamos ENIN) para o tukano (1).

2) uma síntese das propostas do Instituto Lingüístico de Verão (ILV) para toda a família Tukano (2).

3) a grafia utilizada pela ORIT: Organização Indígena do Tiquié para a língua tuyuka (3).

4) a proposta para o barasana, elaborada pela Universidade Social Católica de la Salle (que abreviamos USCS) (4).

As grafias elaboradas do lado brasileiro são:

5) a proposta apresentada numa cartilha tukano publicada pela Secretaria da Educação e Cultura (SEDUC) (5).

6) a dos missionários salesianos do Centro de Pesquisas de Iauareté (que abreviamos CPI) (6).

Apesar da maioria dos trabalhos usados como referência serem assinados por autores (ver notas (1-6)), preferimos identificar as grafias pelas instituições que os apoiam, por nos parecer mais significativo quanto a motivações e impacto em matéria de elaboração dos alfabetos. Todas, exceto a elaborada pela ORIT -- que conta com a assessoria de pessoas vinculadas ao Serviço de Saúde do Uaupés -- provêm de instituições ou pessoas comprometidas em trabalhos missionários, católicos ou protestantes: 1 javerianos, 2 protestantes, 4

FONEMAS	1 ENIN tuk.	2 ILV TUK.	3 ORIT tuy.	4 USCS bas.	5 SEDUC tuk.	6 CPI tuk.
a) i	i	i	i	i	i	i
e	e	e	e	e	e	e
a	a	a	a	a	a	a
o	o	o	o	o	o	o
u	u	u	u	u	u	u
ul	u	u	u	u	e	ë, ö, ü
b) b	b, m	b, m	b, m	b, m	b, m	b, bh, m
d	d, n	d, n	d, n	d, n	d, n	d, n
j	y, ñ	y, ñ	y, ñ	y, ñ	y, ñ	y, ñ, ny
g	g, gu	g, gu	g, gu	g	g	g, gh
w	v	w	w	v	w	w, v
r	r	r	r	r	r, r	r, R
c) p	p, pj	p	p	p	p, ph	p, ph
t	t, tj	t	t	t	t, th	t, th
c	s	s/ch	s	s, ch	s	s
k	c, qu	c, qu	k, c	c	k, kh	k, kh
h	cj	q, qu	q, qu			
?	j	j	h, j	j	h	h, x
	-	h, .			'	?
d) ph		pj				
th		tj				
ch		ch				
kh		cj				

quadro 1 : comparação das normas gráficas.

e 6 salesianos; a 5, embora patrocinada por uma entidade oficial, é obra de um religioso salesiano. Parece-nos também importante ressaltar os casos em que houve participação dos próprios interessados; os autores da fonte (1) indicam que o alfabeto proposto é fruto de um seminário do qual participaram numerosos estudantes tukano da ENIN; a publicação (3) ressalta que a comunidade indígena de Trinidad do Tiquié participou de maneira ativa e decisiva na sua elaboração; (5) menciona dois consultores tukano. Ao contrário, para a elaboração do trabalho (4) -- uma gramática do barasana -- foi usada como informante somente uma missionária leiga do interior do país, que durante anos alfabetizou em espanhol e em barasana as crianças do Piraparaná (7).

Estas seis normas confrontam-se com as unidades fonológicas que deveriam representar os fonemas da primeira coluna. Apesar de não existir ainda um estudo lingüístico sistemático do Tukano oriental, nossas próprias observações sobre as línguas que nos são familiares, permitem interpretar os trabalhos que existem nesta área e propor um inventário máximo das unidades a diferenciar no nível gráfico. Nos casos em que subsistam dúvidas a respeito do caráter fonológico de uma unidade, ou quando esta se encontra somente em uma ou em poucas línguas, serão dadas

indicações precisas oportunamente. Basta dizer que assumimos total responsabilidade pelas nossas interpretações (8).

Assinalamos que a língua que foi o centro maior de atenção, quanto a sua norma gráfica, é o tukano (1, 2, 6), fato este que reflete a tendência de impô-la como língua geral (daí a ênfase dada à importância da diversidade lingüística). O quadro apresenta somente as vogais e as consoantes; excluímos a nasalidade -- traço importante embora representado de maneira inconsistente -- e o tom -- ignorado quase sempre -- que serão discutidos separadamente.

a) somente as cinco vogais, cujo timbre é conhecido em esp. e em port., são representadas unanimemente; para a sexta vogal /u/ (tat. idá, bas. idá 'pupunha', tat. ihá, bas. gicá 'jacaré'), do lado colombiano foi seguido o uso do ILV com u: SEDUC usou ê e CPI ê, ë, ü; pode-se descartar desde agora as grafias na base de a e o, por não existir relação especial entre estas e a sexta, excepto o fato delas serem vogais (transcrevemos aqui ê).

b) as consoantes /b, d, j/ são uniformemente representadas de duas maneiras, baseando-se na enunciação oral (tat. báhá- bas. bácá- 'dançar/cantar', tat. e bas. diirá 'grilo',



tat. iái bas. iái 'jaguar') e nasal (tat. ḡáhá- bas. ḡáhá 'gente', tat. ḡáú bas. ḡáú 'beiju', tat. ḡókó bas. ḡókó 'estrela'), exceto CPI que agrega bh e ny.

/g / (bas. gáhá 'buraco', ḡigáa 'nariz', ḡáhá 'mutum') ENIN e ILV seguem a regra ortográfica esp.: ga, gue, gui, go, gu, gh; ORIT e USCS propõem uma representação gráfica única g, embora em certas ocasiões haja interferência da norma esp. sob a representação de gua. Do lado brasileiro, SEDUC adota a representação fonémica, CPI introduz uma nuance de pronúncia (?) gh. A coerência na representação oral e nasal seguida para as três primeiras consoantes não é mantida aqui; anotando-se g embora se pronuncie [g] e [ŋ] (como em esp. banco).

/r /: (tat. ráhá bas. rácá 'tucano', tat. e bas. ḡribi 'dia'); as normas colombianas são consistentes e representam de maneira conveniente esta consoante, exceção feita à proposta marginal do ILV para o piratapuyo que estabelece a norma em nível pseudo-fonético: r\_l; [l] não corresponde a nenhum som Tukano (/r / soa aproximadamente como o esp. caro, cagita); CPI escreve R ao lado de r talvez para uma realização um pouco posterior; SEDUC desdobra também o /r / em r oral e ḡ nasal

/w / (tat. wái bas. wái bar. wái 'peixe', tat. wii bas. wii bar. wii 'maloca', em várias línguas ḡwái 'espírito da mata') recebe duas representações: w -- ILV, ORIT e SEDUC -- e y -- ENIN, USCS --; CPI usa ambas; a primeira corresponde à unidade fonológica, a segunda parece ser motivada por uma das suas realizações (E) (como o segundo h do esp. bobo), considerada como oclusiva labiodental sonora, antiga pronúncia do y em esp. ou por uma labiodental da fricativa na fala anormalmente lenta; o fenômeno das pronúncias nasal e oral ainda não foi sistematicamente representado quanto a sua grafia, de forma a manter a simetria que caracteriza este grupo (b).

c) /p / e /t / (tat. e bas. páú 'coca') não causam problemas de escrita exceto em tuk., onde encontram-se paralelamente as grafias pi ti (ENIN) e ph th (SEDUC e CPI); não está claro se elas refletem uma variação de pronúncia ou dois fonemas distintos (discuti-las-emos em (d)).

/k / (tat. ḡkúú bas. e bar. ḡkúú 'pajé'): do lado colombiano ENIN e ILV seguem a regra ortográfica do esp. com a dupla grafia c qu (ca, que, qui, co, cu, cw); visivelmente, ORIT institui como norma k, mas, como há interferência da regra esp., encontra-se de maneira marginal c (WCD

ɬək) q (ɬariqa) e qu (queti = keti); USCS estende a regra de correspondência q = /k / a todos os âmbitos vocálicos, embora apareça de vez em quando qu (queti), e sendo que a mesma regra existe também em port., os brasileiros têm adotado a simbolização única k.

/ç / (bas. gicá 'jacaré'): a representação ç, que predomina, traduz uma das pronúncias deste fonema; a anotação ç, ch da USCS reflete a sua interpretação das duas realizações de um mesmo fonema como dois distintos; SEDUC escreve sh ao lado de ç, sem explicar seu valor; ILV interpreta-a como /ç / e escreve ch em Kubeo.

/h / (tat. hópé bas. còhé bar. hópé 'porta'): os colombianos seguem a grafia esp. i para este fonema, exceto a ORIT que oscila entre i e \_h; do lado brasileiro, como i representa outro som, os autores recorrem ao símbolo adequado h. Além disso, CPI utiliza x apesar deste som velar não existir nas línguas Tukano. O símbolo escolhido para /h / serve igualmente para anotar a articulação aspirada de certas unidades deste mesmo grupo, que discutiremos em (d).

/ʔ / para as línguas em que parece ter existência fonológica -- wanano, tukano, piratapuyo, desana (embora que J. Kaye

não o interprete como tal nesta última língua) -- o ILV, em contradição consigo mesmo, propõe duas normas: h e \_i, a primeira para seguir a imagem da pronúncia do h esp. ENIN esquece arbitrariamente de anotá-la, SEDUC adota i e CPI ʔ.

(d) Agrupamos separadamente a representação da articulação aspirada de certas consoantes do grupo (c). O ILV dá somente um caráter de fonema para as oclusivas aspiradas /ph, th, kh / em wanano, e segue a correspondência /h / = i ao escrevê-las: pi, ti, qi. Adiantamos a hipótese de que /ç /, nesta mesma língua, é também uma aspirada /ch / que complementaria a série; o dígrafo ch simbolizaria-a então adequadamente.

Para o tukano não fica claro se se tratam de fonemas ou de variantes das consoantes /p, t, k /, donde a necessidade de duas notações. ENIN, SEDUC e CPI transcrevem-nas, ao passo que ILV não o faz. Além do mais, ENIN marca, sem necessidade alguma, a pré-aspiração automática destas mesmas unidades. ORIT representa esporadicamente este mesmo fonema em tuyuka: hico ~ uqco ~ hco ~ xko. Em geral, a norma que foi adotada para /h / estende-se a estes casos.

### III. ELEMENTOS DE FONOLOGIA E PRONÚNCIAÇÃO TUKANO

Sendo um traço predominante nestas línguas, a nasalidade está indissoluvelmente associada (a) às vogais e (b) às consoantes sonoras, que apresentaremos em seguida :

a) vogais	anteriores	posteriores	
altas	i	u	u
não altas	e	a	o

Todas estas vogais apresentam duas pronúncias: uma oral (o ar sai somente pela boca), outra nasal (o ar escapa pela nariz e pela boca), segundo a vogal pertença a um morfema nasal por natureza ou que se tenha nasalizado em contato com um nasal. As pronúncias orais/nasais das vogais e consoantes são uniformes dentro do morfema. Os timbres das vogais /i, e, a, o, u / são idênticas às respectivas do esp. e do port.; a sexta vogal é um som novo para o ouvido esp. ou port..

/u/ no Tukano, as duas variantes desta vogal poderão chegar a ser pronunciadas : 1) a partir de [u], estirando os lábios como para [i] se obterá a posterior [u]; 2) a partir de [a] levantando a língua progressivamente se obterá a central [ɨ]. /u/ é uma vogal fechada como /i, u /, posterior como

/u, o, a /, não arredondada como /i, e, a /; quando acompanha as consoantes /p, b, t, d / (oclusivas labiais e alveolares) transmite-lhes sua qualidade posterior ou velar e realiza-se como [u] (tat. /bùu pùu / [bùu pùu] 'aranha selvagem', pronuncia-se também [u] com as consoantes velares como /k, g /; nos outros contextos, ela se realiza de maneira central [ɨ] (tat. /jùu úu / [jɨɨ] bas. /jùu úu / [jɨ:]; bar. /jùu úu / [jɨ:ɨ] 'eu'); nós a representamos nos exemplos anteriores como ɨ.

Os grupos de vogais são muito frequentes nestas línguas, quer se trate de vogais idênticas (i, ee etc.) ou quer de vogais distintas. Dentro de um mesmo morfema, pode-se observar uma tendência para a harmonia dos timbres vocálicos, ocorrendo ou não consoantes intermediárias :

tat.	bas.	bar.	
~kii	~kii	~kii	'mandioca brava'
wéhé	wécé	wéhé	'roça'
~áá	~gáhá	~áá	'mutum'
ókó	ókó	ókó	'água'
wíi	wíhí	wíí	'arumã'

A dupla vogal pode ser essencial para opor significados: bas. wáá-~bi tat. áá-~bi 'ele foi' / bas. wá-~bi tat. á-~bi 'ele veio'; não podendo, assim, ser reduzida a uma única. Nem todas as combinações de vogais são possíveis dentro de um morfema, e nem na fronteira entre dois morfemas de uma mesma palavra; uma das restrições mais fortes incide sobre a combinação de /e, i / com /i /: ao formar uma palavra na qual se encontrem em fronteiras /e, i / e /i /, fazem com que /i / se modifique até /i /, anteriorizando-a.

b) Consoantes sonoras

labial	alveolar	palatal	velar
b	d	j	g
w	r		

Esta sub-classe de consoantes está uniformemente afetada nas suas realizações pelo ambiente nasal, assim :

	<u>ambiente oral</u>	<u>ambiente nasal</u>
/b/	[ba]	[mã]
/d/	[da]	[nã]
/j/	[ja]	[ɲã]
/g/	[ga]	[ŋã]
/w/	[wa]	[wã]
/r/	[ra]	[rã]

Isto é, nestas sílabas existe uma harmonia entre os sons consonânticos sonoros e os sons vocálicos, quanto a sua pronúncia oral ou nasal. Se a vogal é oral, a consoante também o é (coluna da esquerda), o mesmo ocorrendo com a vogal nasal (coluna da direita); não existe nestas línguas sílabas com uma consoante sonora oral e uma vogal nasal \* [bã] ou com uma consoante sonora nasal e uma vogal oral \* [ma], como existe em português e em francês, por exemplo.

Esta harmonia nasal ou oral funciona no nível do morfema, ou seja, este traço não pertence nem às vogais nem às consoantes, mas sim à unidade lexical ou gramatical : o morfema. A maioria dos morfemas é oral ou nasal por natureza, transmitindo a qualidade de nasalidade ou de oralidade ao combinar-se com um pequeno grupo de morfemas que não tem essa qualidade inerente e que muda segundo o ambiente; em tatyó encontramos um outro grupo pequeno de morfemas sempre nasais que não contaminam os seus arredores com este traço. Representamos o caráter nasal de um morfema pelo signo de nasalidade ̃ colocado no seu início.

Outros fenômenos de pronúncia estão ligados a esta propriedade do morfema: numa fronteira onde colidem um morfema

nasal e um oral que não se alteram mutuamente, as consoantes /b, d, j, g / adquirem um início nasal [mb, nd, ñj, ŋg ] ; se elas fazem parte de um morfema nasal e se o que as precede é oral, elas se realizam com um início oral [bm, dn, jñ, gñ ] (esta última parece ser menos sistemática). As consoantes surdas (c) não modificam de maneira sensível as suas pronúncias num âmbito nasal ou oral.

Alguns exemplos mostraram que existe somente um contraste entre morfemas orais e morfemas nasais ( damos-los somente em tatuyo) :

<u>morfema oral</u>	<u>morfema nasal</u>
báá- 'nadar'	~báá- 'aportar'
wádúti 'esp. de peixe'	~wádòpi 'mutum'
júú- 'esperar'	~júú- 'ser bom/bonitão'
bígó- 'colocar-se colares'	~bígó- 'mover para cima'
waré- 'esfregar'	~wáre- 'velar'
páá- 'golpear'	~páá- 'abrir'
táá- 'cortar'	~táá- 'assar na brasa'
céeto 'muito'	~cúá 'nené'
íké- 'ser gordo, inchado'	~íké- 'límar'
hiá- 'atar, liar'	~hiá- 'matar'

Estas consoantes são comuns a todas as línguas Tukano. É possível que em alguns casos /d / e /r / fundem-se num mesmo fonema (assim o interpreta J. Kaye para o desana): este é um ponto a ser aprofundado.

c) Consoantes surdas

labial	alveolar	palatal	velar	glotal
p	t	c	k	?/h

/p /: esta consoante oclusiva labial existe em todas as línguas Tukano embora em mak. e bas. ela seja marginal por ter evoluído na direção do /h / ao relaxar sua articulação (comparar tat. e bas. respectivamente: páka háka 'mãe', [pábá [hábá 'tatu'); certas regras, no entanto, funcionam ainda com base num sistema onde existe /p /. Este processo de relaxamento poderia estar em curso em línguas como bará, onde /p/ é frequentemente realizado como uma fricativa (é o som da fricção produzida ao soprar o fogo ). Obtém-se [h ] ao relaxar completamente [p]. Em tuk. a pré-aspirada [hp] realiza-se no início do morfema; é possível que [ph ] seja uma outra variante deste fonema, mas isto requer verificação.

/t / e /k /: as oclusivas alveolar e velar (tat. kátá bas. kátá bar. kátá 'peru') existem em todas as línguas Tukano.

As observações feitas a propósito de /p / em tuk. estendem-se também à /t /, /k / e ao segmento seguinte /c /.

/c /: este é um dos pontos mais difíceis da fonologia Tukano, por se achar visivelmente em evolução. ILV o interpreta como fricativa palatal no kub. e como fricativa alveolar nas outras línguas (ele é marginal no tat. e bar. por ter evoluído até /h /, mudança paralela à de /p / em mak. e bas.). Parece que a realização deste fonema está passando da zona palatal indo até a zona alveolar. Na pronúncia dos velhos este fonema é predominantemente palatal e africado (veja o esp. *hacha*), ao passo que na dos jovens ele é mais anterior, uma africana alveolar [ts] (ver alemão *Zeit*), sendo uma fricativa alveolar [s], próxima da pronúncia mais comum do *s* na Colômbia; raramente é palatal. A pronúncia da geração mais velha corresponde ao caráter de palatal com um início oclusivo que o sistema revela para esta unidade, pois forma um par com a palatal sonora /j /, numa série de alternâncias: por exemplo, na conjugação bas. a marca do imperativo passa de *-ia* à *-ca* e de modalidade citativa de *-iu* à *-cu*. Estes fonemas palatais /c, j / embora de realização africana (= oclusão + fricção) ou fricativa, comportam-se de maneira semelhante às oclusivas /p, t, k / e /b, d, g / respectivamente, por isso integramo-las nesta série.

/h / e /ʔ /: todas as línguas têm a consoante aproximante glotal /h / e somente algumas a oclusiva /ʔ /. Assinalamos que em bas. e tat. /h / é, em parte, o resultado de uma evolução de /p / e /c /. Notamos igualmente a possibilidade de que /ʔ / seja interpretada não como um morfema, mas como uma interrupção da vogal em desana, porém não podemos nos pronunciar a este respeito.

#### d) Oclusivas surdas aspiradas

Tomamos a análise do ILV para o wanano, em que se postula uma oposição entre uma série de oclusivas surdas não aspiradas e uma outra de aspiradas. A nossa hipótese se diferencia dessa análise quanto à organização do sistema, por razões de simetria. Segundo os autores, o wanano é a única língua que apresenta, fora da consoante que temos interpretado como /c/, uma palatal aspirada. Colocando esta aspiração em relação com a de /ph, th, kh /, as duas séries poderiam se organizar assim:

	labial	alveolar	palatal	velar
não aspirada	p	t	c	k
aspirada	ph	th	ch	kh

## e) Os tons

Todas as línguas Tukano parecem compartilhar o traço de possuir dois tons fonológicos : alto /' e baixo /'. Nas línguas que conhecemos os tons têm uma função distintiva no campo lexical, em oposições como apresentadas abaixo (exemplos em tatuyo) :

úú 'tartaruga'	úú 'pacu'
úú 'japu'	úú 'tronco deitado'
ókó 'espécie de fruta'	ókó 'água'
póhá 'espécie de peixe'	póhá 'indígenas maku'
áti- 'fazer'	áti- 'vir'
yúú- 'esperar'	yúú- 'engolir'
báu- 'escutar'	báu- 'aparecer'
úhá- 'preparar o beiju'	úhá- 'banhar-se'

etc...

#### IV. PROPOSTAS PARA UMA GRAFIA TUKANO NORMALIZADA

" O alfabeto carapana conta com as 27 letras seguintes: a, ã, b, c, d, e, ê, g, i, l, j, m, n, o, õ, p, q, r, s, t, u, ù, ü, w, y ". O desenho desse alfabeto aproxima-se ao do espanhol, língua nacional da Colômbia, já que a maioria das le-

tras do alfabeto carapana é idêntica ao do espanhol. Portanto, é necessário ter algumas letras adicionais para os sons que não existem no espanhol. Deve-se levar em conta que o som na língua carapana pode ser distinto ao da mesma letra em espanhol". (9)

Pensamos que toda criança que vai para escola pela primeira vez deve-se encontrar na mesma situação de toda criança brasileira ou colombiana que começa a aprendizagem da leitura e da escrita : deve ser iniciada a partir da sua própria língua, que já domina oralmente. A acumulação das dificuldades representada pela aprendizagem simultânea da língua nacional oral e escrita, que a criança do Uaupés desconhece totalmente, significa uma desvantagem que compromete o êxito da alfabetização. Por esta e outras razões invocadas na primeira parte desta proposta, é evidente que a alfabetização deve ser iniciada na língua vernacular, numa primeira etapa, e que a aquisição da língua espanhola ou portuguesa somente deverá constituir uma segunda etapa, podendo desta forma escalonar as dificuldades.

Vista desta forma, a questão do alfabeto equaciona-se de

maneira diferente. Não se pode negar o fato de que é mais fácil aprender uma regra que associa um fonema e um símbolo gráfico de maneira unívoca, que ter de associar a um mesmo símbolo dois valores distintos ou, inversamente, utilizar dois símbolos para uma mesma unidade.

isto poderia ser ilustrado com os valores das letras c, qu.

- regras não unívocas:

1) k / é representado q antes de a, o, u

2) k / é representado qu antes de e, i

3) s representa /s / antes de e, i

4) s representa /s / com todas as vogais

5) s representa /u /

6) s não se lê depois de q

- regra unívoca: /k / se representa k

Quando que o alfabeto Tukano deve ser elaborado prioritariamente para os falantes destas línguas, propomos eliminar as suas arbitrariedades, livre das quais a escrita

é mais acessível, por tratar-se de uma simbolização lógica

de um sistema conhecido. Propomos o seguinte alfabeto

para as línguas Tukano: a, b, d, e, g, h, i, j, k,

l, m, n, o, p, r, s, t, v, w, y; a estas letras agregamos um símbolo

de nasalidade ̃ e ̂ para o tom alto.

As palavras Tukano, contrariamente ao port. e ao esp., não contêm grupos consonânticos; a sílaba é igual a uma vogal, uma consoante mais uma vogal, e nas línguas onde existe /ʔ / esta aparece depois da vogal. Parece-nos importante que a escrita reflita esta estrutura silábica fielmente, pois é um dos fatores que dá uma textura especial a cada língua.

Argumentamos a seguir os pontos da nossa proposta que não são evidentes para um hispano ou luso-fônico :

i: Já assinalamos as duas realizações de /u /, [u] e [i], embora tratando-se de uma vogal posterior, escrevemos a central i por razões pedagógicas. Sublinhamos, anteriormente um processo de assimilação entre esta vogal e as vogais /e, i/ em limite morfológico. Existem morfemas, como o classificador de nominais i 'masculino singular', que sofre esta mudança, representado:

por ENIN

marapu

dajsei

por nós

"barapi 'marido'

dasei 'homem tukano'



\* não permite a mesma associação que existe entre *i* e *l*, e perturba a identificação das entidades primordiais; ao propor \* para o fonema que ele identifica como central /*i* /, o ILV argumenta em seus primeiros artigos que "é mais fácil para a escrita cursiva" e posteriormente que "está sendo usado para não ser confundido com o 't' na escrita cursiva"; se aceitássemos este argumento, deveríamos revisar inteiramente o alfabeto latino porque, dado à sua estrutura, esta não seria a única possibilidade de confusão; ver, por exemplo, *a* e *l*, caso similar ao de *i* e *l*.

#### Nasalidade

Um dos pontos mais difíceis em matéria de escrita é, sem dúvida, a representação da nasalidade. Observamos que as normas existentes estabelecem diferenças quanto à pronúncia oral/nasal para /b, d, y /, ao passo que mantém um símbolo único para /g, w, r /, mesmo que eles sejam igualmente afetados pela nasalidade na pronúncia. Alguns exemplos mostrarão a inconsistência na representação deste traço afetando às vezes as consoantes e as vogais, fato ignorado, ainda que exista fonologicamente :

grafia corrente	pronúncia	fonologia	nós
1a) baba	báábá	báá-bá	baába (10)
1b) iáma	iámá	*iá-bá	iába

2a) noníña	nónínã	*dódi-yá	dódíya
2b) *gaya	igáyá	igá-yá	igaya
3a) daqueg*	dákégú	dáké-gí	dakegí
3b) quenag*	kěnánjú	*kédá-gí	kédágí
4a) -rungu-	rúnjú	*rúgú-	rúgú
4b) gcone	góné	*gódé-	gódé
5a) ngajire	ngáhířé	gáhé-*re	gáhíre
5b) gajeo	gáhéó	gáhé-o	gaheo
6) vatí	wátí	*wátí	wátí

Ao tratar de enunciar as regras subjacentes a esta escrita, encontram-se realizações como:

- 1) nasalizar a vogal depois de m, n, f (1a-b, 3b, 4b).
- 1i) nasalizar *g* quando segue *n* (4a, 5a); mas: a) projetar a nasalidade à esquerda e à direita (4a); b) projetar a nasalidade à direita sobre a palavra toda.

É difícil decidir em que nível se situam estas representações: nas sílabas como *ru* (4a), *gn* (4b), *ya* (6), nada indica que consoante e vogal devem se realizar nasais; nas sílabas tais como *qua* (3b) e *ti* (6) a nasalidade da vogal é pouco previsível. O leitor poderá tratar de ligar de maneira lógica as colunas apresentadas e formular as regras que regem a representação.

O inconveniente mais sério que encontramos ao desdobramento ortográfico oral/nasal é, uma vez mais, de ordem morfológica: apresentamos em (1), (2), (3) três morfemas gramaticais: -bá 'permissivo' e -yá 'imperativo', perdendo sua identidade na dupla representação; ao contrário, é mais consistente a representação de -gá 'classificador masculino singular', cuja identidade se manteve. E, no entanto, evidente que esta escrita está cheia de contradições.

Nossa proposta de representação unificada das consoantes sonoras, cuja nasalidade se estende a partir da vogal que convive na mesma sílaba, apela para um nível de abstração manifestado pelos "erros" na escrita de pessoas alfabetizadas "A espanhola". No documento da ORIT vemos alternar Bifoburo/Mifoburo para algo que é [m] foneticamente mas /b / fonologicamente. Numa carta, uma adolescente barasana escreve matu para bitá 'muito', foneticamente e fonologicamente /b /. Foram tomadas, neste ponto, decisões apressadas, sem basear-se provavelmente numa verdadeira experimentação com os locutores, o que sugerimos como algo de urgente. Embora não pensemos que a representação da nasalidade em nível morfológico seja viável, porque implicaria a divisão da palavra em morfemas, acreditamos que poderia ser experimentado.

c) A escrita das oclusivas surdas apresenta um problema na realização velar: propomos k no lugar de q, que não estabelecem uma correspondência de unidade a unidade entre o oral e o escrito, fazendo assim uma distinção no nível gráfico o que não existe no nível sonoro; este símbolo existe nos alfabetos port. e esp. e apesar de ser marginal, é ensinado nas escolas.

ç: escolhemos este símbolo para /c / por representar um de seus alofones e, por ter um valor único no esp. normativo, evitando assim um cruzamento de regras. Configurar-se-á, no entanto, um problema de coerência para a escrita do wanano se nossa hipótese for verificada, pois haverá de unificar sh ou ç ch: deixamos assim este ponto em aberto.

Propomos h e l para representar a aspirada e a oclusiva glotal. A idéia do ILV de associar a mudez do h do esp./port. (hombre, homem) a interrupção glotal /ʔ / tem uma base fonética errônea que, se for usada para facilitar a passagem às línguas nacionais, poderá somente criar confusão pois para ler as palavras ahorro (esp.) najjari e nahi (wan.) a criança deverá aprender :

a) aho = [aʔ]      b) ai = [ai]      c) ahi = [aʔi]

quer dizer que em nenhum momento a letra h ou a sua ausência remeterá à mesma pronúncia; além disso, o dígrafo ch para

/c/ dificultará a identificação dos valores do h; em port.; isto se complicará, ainda mais, por existir um valor sistemático de palatalização associado ao h nos grupos nh lh ch (ninho, folha, chegar).

j # /h /: o único argumento favorável nesta associação é a de seguir parcialmente a norma esp.; esta regra deverá se completar com a da correspondência g # /h /quando precede a i, correspondência esta que deverá ser dissociada de g # /g / nos ambientes a o u. No esp. pode-se encontrar um argumento a favor da grafia do h: a pronúncia mais corrente, na Colômbia de certas palavras com h: harto [harto], hincho [hĩńčo]. No Brasil, esta representação é impossível porque já existe a associação /z / # i, como em iararaca, lantar.

d) com a aspirada velar do wañ. escrita cia, cie, cii, ciu, ciu, ci\* chega-se a deformar completamente a estrutura silábica da língua, entrando em contradição com as regras de uso do ç e qu, porque neste caso ç pronunciar-se-ia uniformemente /k /; parece-nos ainda que a semelhança entre i e i deveria ser levada em consideração como uma associação possível, da mesma maneira que a seleção de ç para a sexta vogal determinou a combinação cu no lugar de qu.

e) Propomos representar o tom alto por ˊ e deixar o baixo sem marca. Identificar cada sílaba de uma unidade lexical pela sua altura tónica complicaria excessivamente a escrita, e talvez não contribuiria de maneira significativa para o reconhecimento da palavra gráfica. Por isso sugerimos marcar o tom somente quando este permite opôr significados. A título de ilustração mostramos como diferenciar as formas da lista dada na pág. 26 : pu/úú, ˊubú/ˋubu, ókó/óko, póha/poha, Ati-/ati, yúu-/yuú, báu-/baú, úhá-/úha-.

#### V. SÍNTESE DE NOSSA PROPOSTA

Sintetizamos no quadro 2 a proposta detalhada nas seções III e IV, que poderá ser comparada com o quadro 1.

Assinalamos anteriormente a dificuldade que constitui a representação da nasalidade e propusemos transcrevê-la com o til sobre cada vogal de um morfema inerentemente nasal. Sem dúvida, haverá um problema de legibilidade quando for necessário marcar a nasalidade e o tom alto numa mesma vogal. Por isso, não há que descartar a representação morfêmica. Requer-se, assim, trabalhos experimentais com crianças que que não tenham recebido nenhum treinamento em leitura-escrita (para evitar influências das línguas nacionais), com a

	FOFEMAS	GRAFEMAS
a)	i e a o u u	i e a o u i
b)	b d j g w r	b d y g w r
c)	p t c k h ?	p t s k h '
d)	ph th ch kh .	ph th ch ou sh (ver p.31) kh .
nasalidade	~ morfema	não se marca ~ morfema cvcv

quadro 2 : síntese de nossa proposta

assessoria de pedagogos e psicólogos. Esta parece nos ser uma tarefa urgente, que mudará, talvez, algumas idéias herdadas quanto à facilidade ou à dificuldade da escrita em pontos críticos como este.

#### NOTAS

(1) VELEZ R., PARAMO A. (1984): Daisea ucuse. Texto de lengua tucana (2° nivel de enseñanza secundaria) versión corregida. Prefectura Apostólica de Mitú, Escuela Normal Indígena Nacional, Mitú. Os autores identificam-se como representantes da ENIN e do Instituto Missionário de Antropologia. Escrevemos Tukano com maiúcula ao referirmos à família lingüística e reservamos as minúsculas As línguas particulares (tukano); em certas ocasiões abreviamos os nomes destas últimas usando as três primeiras letras (des.=desana), exceto no caso do barasana (=bas.), para distingui-lo do bara (=bar.).

(2) Ver o quadro no fim de cada fonologia em Sistemas fonológicos de idiomas colombianos, vol. I-IV (1972-79), Ministerio de Gobierno, Instituto Lingüístico de Verano, Lomalinda.

(3) Baseamo-nos na cartilha Narración de una historia de la Comunidad indígena Trinidad, Tiquié (Bifoburo Musaká) Cómo planeamos nuestro futuro, ORIT Organización Indígena del Tiquié. Publicação patrocinada pelo programa de Saúde em Atenção Primária do convênio colombo-holandês, Editora Gente Nueva.

(4) Ver : FRANCO G.E., MONGUI J.R. (s.f.): Gramática yebamasa, Universidade Social Católica de "La salle", Bogotá.

(5) BEKSTA C. (1984): 1ª cartilha tukano, Secretaria da Educação e Cultura, Núcleo de recursos Tecnológicos, SEDUC-N.R.T., Manaus, Am.

(6) BRUZZI ALVES da SILVA A. (1961): Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos Rios Uaupés, Içana e Cauaburi. Centro de Pesquisas de Iauareté (Amazonas), São Paulo, 2 vol. Embora existam listas de palavras em diferentes línguas tukano, como de outras famílias, selecionamos a transcrição do tukano para poder compará-la com 1 e 2.

(7) Esta missionária, Bertha Diaz, trabalhou durante anos na missão da Prefeitura Apostólica de Soda-ya.

(8) Fora dos trabalhos já mencionados, consultamos J.Kaye (1970): The desano verb: problems in semantics, syntax and phonology, tese de doutorado, Universidade de Colômbia. Nós não dispusemos no curso desta redação dos trabalhos de A. Sorensen para consulta.

(9) METZGER R. (1981): Gramática popular del carapana, Ministerio de Gobierno, I.L.V., Bogotá. Frase sublinhada por nós.

(10) As traduções destas formas são: 1a) '(se) te permite/(se) te convida para comer'; 1b) '(se) te permite/(se) te convida para olhar'; (2a) 'dá!'; (2b) 'come!'; (3a) 'criança'; (3b) 'o moço bom/o moço bonito'; (4a) 'acostumar'; (4b) 'urinar'; (5a) 'ao outro (masc.sing.); (5b) 'A outra'; (6) 'espírito da mata'.